

Lukács, um Galileu no século XX

Ricardo Antunes*

A comemoração dos 50 anos da morte do filósofo György Lukács é mais uma justa e bela iniciativa de *Eszmélet*.¹ Nesta *era das trevas* em que estamos vivendo, na qual o *sistema de reprodução sociometamórfico do capital*, além de *destrutivo*², tornou-se abertamente *letal*, imaginar que a pandemia do coronavírus seja resultado de um “desvio” da natureza ou da “invenção” de laboratórios da China, só pode germinar na cabeça do negacionismo abjeto que se esparrama como praga em nossos dias.

A obra de Lukács, pela sua abrangência, densidade, originalidade e polêmica, por si só o coloca entre os grandes do marxismo do século XX. Marxismo que encontrou suas formulações mais vigorosas em Lenin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, na fase mais abertamente revolucionária, e também em Gramsci e no próprio Lukács, só para mencionar os mais destacados.

Seria impossível, neste pequeno espaço, tratar de tantas dimensões da imensa obra de Lukács. Por isso, vamos tão somente indicar alguns de seus momentos mais expressivos.

Nosso autor aderiu ao marxismo e ao comunismo no bojo da Revolução Húngara. Oriundo do idealismo filosófico romântico em sua juventude, passando pela estética e pela ética, o jovem Lukács ingressou de *corpo e alma* na política revolucionária na jovem República dos Conselhos, sob os influxos da Revolução Russa, das leituras de Marx e especialmente da obra de Lênin, que o influenciou profundamente, como se constata, por exemplo, em sua entrevista publicada sob o título *Pensamento vivido [Gelebtes Denken]*: “O que fazer?”. este sempre foi o principal problema para mim e esta pergunta uniu a problemática ética à política”. (Lukács, 1999, p. 55)

A respeito de um de seus textos mais emblemáticos desta fase, *Tática e ética*, de janeiro de 1919, afirmou: “Era um acerto de contas comigo mesmo, que me possibilitou o ingresso no Partido Comunista”, em meados de dezembro de 1918. (*ibidem*, p. 56) Articulando um forte postulado *ético* em defesa da humanidade, frente às mazelas do capitalismo, sob o impacto *político* das duas revoluções, o jovem Lukács enfeixava aquela que talvez tenha sua *única verdadeira ruptura*: começava a abraçar definitivamente o materialismo e a revolução.

O mais expressivo resultado intelectual e político deste período encontramos em sua obra seminal *História e consciência de classe* [1923], na qual elaborou uma ra-

* Professor Titular de Sociologia do Trabalho no IFCH/Unicamp. Autor de *Capitalismo pandêmico; Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0* (org.); *O privilégio da servidão; Os sentidos do trabalho* (todos pela Boitempo) e *Adeus ao trabalho?* (Cortez). Coorganizador de *Lukács: um Galileu no século XX* (Boitempo). Vários deles foram publicados na Itália, Argentina, EUA, Inglaterra/Holanda, Portugal, Índia, Espanha, Venezuela e Colômbia). Coordena a coleção *Mundo do trabalho* (Boitempo).

¹ Este pequeno artigo foi originalmente escrito a convite da revista húngara *Eszmélet*, para um encarte especial dedicado à obra de Lukács. (Antunes, 2021)

² Cf.: Mészáros (2002).

dical crítica ao marxismo dominante herdeiro da Segunda Internacional e seu conhecido esquematismo e mecanicismo, que tanto estrago fez no movimento comunista.

Em particular, sua teoria da *coisificação* e da *reificação*, antes mesmo do conhecimento e da publicação dos *Manuscritos econômico-filosóficos* de Marx, exemplifica a originalidade e a força analítica de Lukács, cuja obra é, até hoje, a mais rica tematização marxista acerca da *consciência de classe* do proletariado.

Já desde meados da década de 1920, seus estudos procuravam combinar um rigor analítico acrescido de aberta contestação ao dogmatismo nascente que acabou gerando o *marxismo soviético da era stalinista*. Sem poder entrar aqui nesta complexa controvérsia, é bom recordar que em *O jovem Hegel* (concluído em 1938), em plena *contrarrevolução* de Stalin e em meio aos Processos de Moscou, Lukács desenvolveu a tese que concebia Hegel como mestre da dialética, recusando a dogmática staliniana que chegou a conceber o filósofo alemão como precursor do nazismo³.

Essa temática de fundo esteve presente também no livro *A destruição da razão* (concluído em 1952), que apresentava a disjuntiva *razão e irracionalismo* como a dilemática crucial para a renovação do marxismo, uma vez mais contra o “marxismo” positivista da era stalinista.

Deixando aqui de lado sua monumental *Estética*, é imperioso recordar a força de sua última (e em nossa opinião, mais densa obra) que Lukács não pôde finalizar. Sua *Para uma ontologia do ser social* (2012; 2013) enfeixa a riqueza da formulação e originalidade do autor. Em poucas palavras, a ela devemos a descoberta de que Marx foi não somente o criador da dialética materialista, mas também o primeiro a desenvolver uma *ontologia materialista*, o que permitiu que Lukács começasse a descortinar as categorias vitais presentes em sua *ontologia do ser social: trabalho, reprodução, ideologia e estranhamento*.

Ao assim proceder, os positivismos, tanto o ocidental, quanto o stalinista, foram demolidos teoricamente, abrindo-se um expressivo caminho para o renascimento do marxismo, tanto no Ocidente, quanto no Oriente, tanto no Norte quanto no Sul do mundo. A publicação de sua *Para uma ontologia do ser social* em vários países parece demonstrar a vitalidade da obra, ao mesmo tempo magistral e inconclusa; fértil, mas carregando algumas limitações que Lukács não foi capaz de superar.

A maior delas, que István Mészáros procurou demonstrar em *Para além do capital* (2002), foi o aprisionamento teórico de Lukács à equivocada tese (staliniana) do *socialismo em um só país*, concepção que esteve presente em grande parte do marxismo da era da Revolução Russa, com a principal exceção de Trotsky.

Se é verdade que em *Para uma ontologia do ser social* Lukács desenvolveu a crítica à tese (também stalinista) que converteu a Revolução Russa em um “modelo clássico” de Revolução, que se “universalizou” a partir da consolidação da concepção staliniana na IIIa. Internacional, também é preciso mencionar que este foi o limite máximo que sua proposição crítica conseguiu atingir, o que maculou algumas de suas formulações teóricas e políticas.

³ Recordo aqui dois grandes estudiosos de Lukács que têm concepções bastante distintas: Nicolas Tertulian e István Mészáros. Cada um ao seu modo, entretanto, demonstra a fragilidade dos críticos de Lukács que tentam associá-lo ao stalinismo.

Mas, pelo conjunto de sua obra, e também por sua enorme originalidade visando à construção de uma ontologia materialista, Lukács se converteu em um verdadeiro *Galileu no século XX*.

Referências

- ANTUNES, Ricardo. “Lukács 50, Örökség, viták és értelmezések”, *Eszmelét*, n. 131, 2021. Disponível em: <http://www.eszmelet.hu/131-szam-2021-osz/#more-16154>.
- LUKÁCS, György. *Pensamento vivido: autobiografia em diálogo de Georg Lukács, entrevista a István Eörsi e Erzsébet Vezér*. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem; Viçosa, MG: Editora da UFV, 1999.
- LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social – volume I*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do ser social – volume I*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MÉSZÁROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.

Artigo encomendado pelo Comitê Editorial